

ETIÓPIA, UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Maria Lígia Conti*

* Ms. em educação pela Universidade de Sorocaba. Viveu na Etiópia por seis meses, no primeiro semestre de 2012, trabalhando como professora de inglês, com crianças de três e quatro anos de idade. Sorocaba, São Paulo, Brasil. E-mail: marialigiaconti@gmail.com

Os olhos que vislumbraram a chegada
e os sentimentos que previram o encontro
jamais serão os mesmos olhos que verão a partida
ou os sentimentos que perceberão a saudade.

De repente, outro mundo, outra civilização. Ao romper a barreira geográfica que limita aos olhos e aos sentidos o horizonte de além-mar, encontra-se no extremo leste africano o território dos abissínios, a terra onde até bem recentemente viveu o “último leão de Judá”, o “rei dos reis”, sua majestade o imperador Haile Selassie.

Um mergulho na história, uma viagem ao passado... É difícil definir ou rotular o que seja uma experiência vivida na Etiópia. Não havendo laços em comum com as coisas já vistas ou vividas, não há com o que comparar.

Segundo a embaixada do Brasil em Addis Ababa, havia, no mês de janeiro de 2012, o registro da presença de 20 brasileiros na Etiópia, incluindo os diplomatas e filhos de mulheres brasileiras casadas com etíopes, ou seja, crianças etíopes com dupla cidadania. O número de brancos no país também é bastante reduzido, especialmente nas áreas fora de Bole, o centro de negócios na capital Etíope. Porém, a convivência, o tornar natural o que em princípio não o é, leva-nos a uma experiência única, uma relação que se estabelece além das culturas fronteiriças, muito além da cor da pele, tanto, que ao longo da vivência, pode-se com certa frequência, ignorar essas informações.

Baseados em informações religiosas que diferem daquelas profetizadas pelos católicos romanos, o calendário etíope (também cristão) marca hoje o ano de 2005 – sendo que as comemorações de seu ano novo ocorreram no dia 11 de setembro de 2012, no calendário gregoriano. Além disso, os etíopes contam 13 meses no ano, sendo doze deles com 30 dias, e um mês especial com cinco ou seis dias (variando conforme os anos bissextos). E ainda há, no relógio, uma diferença de seis horas – quando a linha de Greenwich marca naquela região o

meio dia, a Etiópia, em seus relógios de pulso, parede ou biológicos, está vivendo às seis horas da manhã.

Localizada num alto planalto central que varia de 1.290 a 3.000m acima do nível do mar, com sua maior montanha, Ras Dejan (cabeça de guarda), alcançando 4.620m, a Etiópia tem também os terrenos mais baixos do continente, como a Depressão Denakil, com 125m negativos. A geografia caprichosa certamente serviu para oferecer proteção à Etiópia durante as várias investidas de colonizadores na África. Contudo, o povo etíope dá a si próprio, aos seus ancestrais, as glórias dessa proteção, e orgulha-se das vitórias conquistadas, como no caso dos combates aos italianos, por exemplo, que por um período de apenas cinco anos, no governo de Mussolini, conservou a Etiópia sob seu jugo (1936-1941).

O mais antigo país independente da África negra e o único país da África subsaariana a jamais ter sido colonizado são dois dos muitos atributos dados à Etiópia, hoje também chamada a “capital política da África”, por ser sede da União Africana (AU) e da Organização da União Africana (AUO), sua antecessora, além de guardar sedes da UNECA (*United Nations Economic Commission for Africa*) e inúmeras organizações continentais e internacionais.

Viver na Etiópia é um experimento que vai além do que se pode expor com palavras, trata-se de uma revolução nos sentidos, uma explosão de emoções que abala as estruturas mais sólidas sobre as quais um estrangeiro (não africano) possa estar sustentado.

A ideia de que temos na cultura ocidental a resposta para a Etiópia e suas dificuldades é posta em terra em menos de dois meses de estadia naquele país. Pensar que, para existir, a Etiópia depende do auxílio econômico, social e cultural dos países ricos, e considerar que de lá nada se pode obter, são erros em que os mais desavisados podem cair.

O primeiro impacto é, certamente, a miséria econômica em que vive a maioria dos etíopes. Caminhar pelas ruas de centros como Bole, Mexico, Mecanissa e Maganagna, onde estão concentrados o comércio, os bancos, os grandes negócios, as sedes de órgãos públicos e a rede de entretenimento e hotelaria, é, especialmente para as pessoas de pele branca, uma prova de tolerância. Pedintes surgem de todos os lugares, crianças sorridentes, de mãos estendidas e um semitexto em inglês na ponta da língua, são atiçadas pelas mães na direção dos brancos; cegos, ora postados, estáticos, em meio à multidão que flui hemorragicamente ora conduzidos por crianças, imploram, em canções religiosas, por doações – um dinheiro que os permita viver.

Corpos frágeis, descarnados, conduzem cadeiras de rodas levando paralíticos e aleijados, tantas vítimas da pólio – seres disformes espalhados pelas ruas, como monumentos ao descaso, horrores dignos da literatura da Idade Média; hansenianos, de rostos cobertos com véus acinzentados; amontoados humanos dispostos pelas calçadas, implorando por piedade – e a sujeira da cidade, o pó cinza, o ar seco, as vendas de legumes de eterna aparência de um fim de feira, os açougues sem refrigeração, cuja peça morta é exposta às moscas enquanto é retalhada em cortes indefinidos e moídos pelas mãos certeiras de hábeis açougueiros com suas afiadas facas curvadas como foices - uma visão dantesca, diriam.

Nos primeiros dias tudo o que se pode perceber, dada a intensidade desse cenário, é esse caos, essa miséria que temos a urgência de remediar, de colocar, à força, num nível suportável aos nossos sentidos. E então, o tempo passa, a rotina se faz presente, o caminhar é mais lento, o olhar toma outros pontos de perspectiva e pode-se ver, enfim, uma cidade viva, um povo que segue seu próprio rumo, em seu próprio ritmo.

Começa-se, assim, a alcançar o horizonte que está além do primeiro olhar, e, como um presente que nos damos, podemos sentir o pulsar do outro.

O povo etíope tem a cor do seu café, passado às vezes mais ralo, às vezes mais forte. Tida como a região originária do café no mundo, a Etiópia tem o grão como um elemento de conexão social muito representativo. Para bem receber uma visita, as mulheres etíopes oferecem a cerimônia do café, tão simples quanto às coisas do campo e ainda tão complexa quanto às coisas do que é divino. Essa cerimônia é parte integrante da vida sociocultural dos etíopes, e ser convidado a participar de uma delas é uma honra concedida ao obsequiado, pois se trata de um marco na solidificação da amizade e do respeito a ele ou ela – um exemplo da hospitalidade etíope. Qualquer que seja a hora do dia, a cerimônia do café é uma prática obrigatória na presença de convidados. Tendo a necessidade de algumas horas para sua completa realização, a cerimônia se resume em um conjunto de graciosos movimentos que vão desde o torrar os grãos de café sobre a brasa até o serviço de três xícaras de café por pessoa – tudo envolto em um delicado aroma de mirra, que é atirada em punhadinhos à brasa incandescente. Em cerimônias públicas, o café é preparado geralmente por mulheres jovens, em trajés típicos – vestidos e véus brancos com barrados coloridos – feitos em teares manuais. Nas residências, a esposa é a encarregada do serviço, ainda que esse possa ser desenvolvido por uma ajudante da casa.

Sobre o artesanato etíope, é dito que esse não tem o padrão de qualidade exigido pelo mercado globalizado, daí a dificuldade em ser comercializado, porém, mesmo num breve passeio pelas casas de café, restaurantes e mesmo escritórios administrativos, pode-se perceber o encanto da arte etíope sobre os móveis, arranjos de mesa, lustres, paredes e quadros. A religiosidade do povo está marcada em todas as peças, nas quais especialmente cruces de diversas formas são esculpidas em madeira nobre, formando cadeiras e mesas de beleza impressionante – muitas delas feitas numa única peça. A pintura é outro aspecto da expressão artística do povo. Carregada em tons escuros, como o marrom, o preto e o vermelho fogo, a arte sobre tela, muitas vezes feita de couro de cabra, com tintas vegetais, é carregada de significado místico.

Toda a história da Etiópia se apoia sobre eventos religiosos. A rainha de Sheba, ou Sabá, que teria ido visitar o rei Salomão em Jerusalém, voltou grávida ao seu reino e deu à luz o menino Menelik. Esse, mais tarde, retornando à Etiópia após um período passado com o pai (quando teria ido estudar em Jerusalém), descobre que um de seus homens roubara a Arca da Aliança, que trazia escondida entre os presentes oferecidos por Salomão. Diz então o tal homem que Deus, em sonho, teria lhe dito que a trouxesse para a Etiópia, onde estaria segura. Concomitantemente, Salomão ouve, em sonho, a voz de Deus que lhe diz que não mande soldados em busca da Arca, assim como a mesma voz diz a Menelik que ela não deve ser devolvida, mas protegida em solo etíope. Desde esse momento histórico, toda a civilização etíope é formada sobre fortes e sólidas convicções religiosas. Mais tarde, ainda sob a regência de um soberano que seria da linhagem salomônica, o povo se torna cristão, segundo sua história, ainda no século 1AD. E na modernidade temos as histórias de Haile Selassie (1892-1975), “o último leão de Judá”, “rei dos reis” para os Rastafaris (mas essa é uma outra longa história...).

Um professor de História da África, etíope, diz que estudos acadêmico-científicos não comprovam muitos dos fatos tidos como reais pela tradição sócio-religiosa da Etiópia, porém, diz o professor, “não há quem se atreva a mexer em bases tão sólidas como essa que suporta toda a nação etíope”.

E é de paz e de amor e muita solidariedade que vive esse povo. Os cerca de 94 milhões de etíopes, divididos em diversas tribos (em um número que parece não ter acordos entre os

estudiosos), fazem uso em seu solo de 80 ou mais idiomas que se subdividem em 200 dialetos. Depois do movimento político, conhecido como a “Queda do Derg”, em 1991, estabelecendo um marco político no atual governo, a nova constituição da República Democrática Federal da Etiópia garantiu a todos os grupos étnicos o direito de usar suas próprias línguas, desenvolvê-las e introduzi-las como línguas oficiais no ensino primário. Assim, embora o amárico seja a língua oficial da república, em algumas regiões ela é substituída pela língua local, como Oromifa e a Tigrinya. O inglês é a língua estrangeira introduzida no ensino secundário. Também o árabe tem força nesse nível de ensino. Nas universidades, as aulas são dadas em inglês, embora mais de um professor universitário tenha afirmado que “nem sempre os alunos são capazes de compreender o que está sendo ensinado”, então, se veem “obrigados a usar o amárico”. Na verdade, são poucas as pessoas, mesmo na capital do país, que conseguem se comunicar sem muita dificuldade em inglês. Limitados aos números, expressões básicas, como as de saudações, algumas cores e poucos argumentos (com frases mais ou menos prontas), os diálogos com muitos dos etíopes costumam não poder se estender muito além do mínimo e comum. Nas ruas, a comunicação entre o visitante e o local é feita com mímica, dedos apontados para o que se espera ter, muito sorriso, bom humor e paciência, necessários para ambos os lados. Com sorte, haverá alguém que fale inglês; já aprender o amárico, para mim, provou-se muito difícil.

As pessoas brancas, como não podem se disfarçar, ficam em evidência o tempo todo. Não é raro, ao se caminhar pelas ruas, ser abordado por alguém que segue na mesma direção com um quase sempre simpático “Hello, can I walk with you?”. “Quase sempre” simpático, porque muitas vezes o interlocutor não espera um não como resposta, e mesmo que se deseje caminhar sozinho, por vezes será impossível, a menos que se torne grosseiro ou que se invente uma mentira do tipo – vou ficando por aqui – numa abrupta suspensão do passeio.

Os etíopes são muito receptivos, embora se possa perceber um distanciamento inicial. Meio desconfiados se animam logo a ir à sua casa, mas será preciso que confiem em você pra convidá-lo à casa deles. Contudo, uma vez tendo ido à sua casa, tendo participado de uma cerimônia do café, você passa ao status de “membro família”: “mother” ou “sister”, no caso das mulheres, “father” ou “brother”, no caso dos homens, e daí em diante, a amizade e a confiança estão seladas.

Um aspecto cultural, entre tantos, que nos oferece, aos estrangeiros, algum desconforto é o fato de os etíopes de alimentarem com as mãos. O alimento básico na Etiópia é a injera, uma panqueca gigante (para simplificar a ilustração) feita de teff, um cereal existente apenas naquele país. Por ser feita com a farinha fermentada, a injera tem um paladar levemente azedo. Muitos etíopes comerão apenas injera em suas refeições – não sendo raros os casos de uma única refeição ao dia ou mesmo “uma refeição de vez em quando”. Uma forma barata de servir a injera é fazendo o chamado “fir fir”, a panqueca é rasgada em pedaços e passada numa frigideira, sendo encharcada num molho apimentado típico (berberè) ou outro molho qualquer, como de tomates (as crianças adoram!). Os pratos pedidos num restaurante serão servidos sobre a injera, numa travessa larga. Além dos vegetais e molhos, pode-se obter uma boa carne de boi, de cabra ou de frango - você nunca encontrará porco nas refeições etíopes, e o peixe – do Nilo Azul ou dos tantos lagos – pode ser encontrado com facilidade. Normalmente os pratos são servidos na mesma injera, ou seja, vários pedidos são trazidos à mesa em pequenas porções e cuidadosamente deitados sobre a injera aberta. Os etíopes comem sempre utilizando apenas a mão direita e só três dedos – “demonstrando o respeito pelo alimento”. Não é raro que seu companheiro de mesa, ou companheira, independente do sexo, se ofereça para alimentá-lo – a pessoa fará uma trouxinha de injera com um dos molhos e a levará a sua boca. Embora isso represente um desconforto comum aos estrangeiros, é um sinal de grande respeito do etíope com relação ao seu parceiro de refeição. Sobre as pessoas comerem do mesmo prato, há que se observar que não se toca senão na comida que se irá comer, nunca se lambem os dedos (nos restaurantes e em mesmo em casas particulares, alguém trará um jarra com água morna e sabonete para que lavem suas mãos antes e depois da refeição). Na Etiópia se diz que “quando as pessoas comem juntas do mesmo prato, elas jamais trairão uma a outra no futuro”.

Vivi durante seis meses nesse país rico em cores, sabores, aromas e cultura; um país onde se acorda com música todos os dias, onde o pouco que se tem é partilhado com o outro, onde o sorriso brota da simples alegria de se estar vivo e de se poder servir e sonhar. Em minha viagem à Etiópia, levei brinquedos, dinheiro para doação, material escolar, meus conhecimentos de inglês, minhas experiências de vida - e lá deixei um pouco de tudo o que tinha comigo. Porém, sinto que ainda estou devendo algo, que preciso voltar e retribuir à altura: a bagagem que eu trouxe de volta é muito mais pesada e mais significativa do que aquela que lá deixei.